

Resenha – Pornotopia: um ensaio sobre a arquitetura e a biopolítica da Playboy

Teoria e Cultura | Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF | ISSN:

2318-101x | v. 20, n. 2, 2025 | p.334-338

DOI: 10.34019/2318-101X.2025.v20.49850

Review of the book Pornotopia: An Essay on the Architecture and Biopolitics of Playboy

Reseña del libro Pornotopía: un ensayo sobre la arquitectura y la biopolítica de Playboy

PRECIADO, Paul B. *Pornotopia: um ensaio sobre a arquitetura e a biopolítica da Playboy*. Rio de Janeiro: Zahar, 2025.

Mário Jorge de Paiva¹
Gustavo Cravo de Azevedo²

Paul Preciado, atualmente, é um grande nome quando se fala de Estudos de Gênero e Sexualidade. Assim sendo, o lançamento dessa edição do livro *Pornotopia* se mostra algo de valor para os que estudam tal tipo de temática. Para nós, o curioso aqui é como Preciado decidiu dar enfoque para a questão da arquitetura e como isso dialoga com a sexualidade, biopolítica etc. Quando se fala de Playboy, obviamente, a primeira coisa que se pensa não é na arquitetura, afinal, o que, quase, sempre chama mais atenção são as mulheres peladas. O projeto, assim, possui algo de foucaultiano, de quando Foucault decide estudar as estruturas físicas dos lugares, como a prisão em modelo panóptico ou as celas dos mosteiros.

¹Doutor (2021), Mestre (2016), Licenciado (2014) e Bacharel (2014) em Ciências Sociais pela PUC-Rio, também tendo realizado 2 cursos de extensão em Filosofia. Foi membro de 2 grupos de pesquisa do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio (tendo trabalhado durante anos com pesquisa quantitativa e SPSS), fez parte da organização de eventos, realizou apresentações (nacionais e internacionais) em congressos, publicou mais de 30 textos acadêmicos, fez parte de 5 comissões científicas, participou de podcasts etc. Oferece parecer para artigos, quando solicitado, em diferentes periódicos (tendo, inclusive, dado parecer para revistas estrangeiras). Atualmente é professor estadual em São Paulo, alocado na Diretoria de Santos; sendo professor de Sociologia, Filosofia, Oratória, História e outras matérias de Ciências Humanas e Sociais. É membro da ABETH, Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura. Seus principais interesses de pesquisa versam sobre representação LGBTI+ e o avanço da direita no Brasil.

²Doutor em Ciências Sociais pela PUC-Rio (2022), tendo realizado período sanduíche na Universidad Autónoma de Madrid (Espanha) com bolsa de estudos do Programa CAPES-PRINT. Mestre em Ciência Política pela UFF (2014). Especialista em Ensino de Sociologia pela UFRJ (2011). Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela UFRJ (2008). Publicou mais de 30 textos acadêmicos. Oferece parecer para artigos, quando solicitado, em diferentes periódicos (tendo oferecido mais de 80 pareceres e, inclusive, dado parecer para revistas estrangeiras em língua espanhola). Possui sua tese de doutorado premiada com a Menção Honrosa pela Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS). Professor voluntário e orientador de trabalhos no Curso de Especialização em Administração Universitária da UFRJ (2023). Editor da Revista Práticas em Gestão Pública Universitária (UFRJ). Participa de dois grupos de pesquisa na UFRJ e um na PUC-Rio. Técnico em Assuntos Educacionais na Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC) da UFRJ (2010). Tem experiência em pesquisa, em docência no ensino médio e no ensino superior, em editoração, em organização de seminários, em gestão de pessoas e em extensão. Atua na área Ensino de Sociologia, principalmente com os temas história da disciplina Sociologia no ensino médio e reforma do ensino médio. Atua na área Políticas Públicas, principalmente com os temas federalismo aplicado a políticas educacionais, ciclo de políticas públicas e administração universitária. E-mail para contato: gustavo_cravo@hotmail.com

O argumento do autor é que a Playboy constitui parte do imaginário, da estética e da sexualidade etc. do século XX maior do que poderíamos pensar, em uma primeira análise. Sendo uma espécie de 3ª via, de heterotopia, entre o conservadorismo da sociedade branca, suburbana americana dos anos 50, e toda uma revolução de costumes e sexual que estava tomando curso no pós-guerra. Assim, se uma crítica feminista, ou gay, ou negra, podia ir contra o modelo familiar americano de homem casado, branco, provedor, e a mulher cuidando dos serviços domésticos e coisas do tipo, a Playboy também fazia isso, uma crítica, ao apresentar um modelo social alternativo, porém esse modelo, grosso modo, era menos radical, por ser o modelo de um homem branco, playboy, solteiro, que, em certos sentidos, era até visto como infantilizado. Sempre em casa de pijama, trabalhando no chão ou na cama, um Peter Pan fascinado com todos os seus novos brinquedos tecnológicos. Mas, vamos por partes.

O livro começa com um prefácio, em que Preciado conta que esse projeto lhe surgiu em 2001, em uma noite de insônia, quando na TV apareceu uma entrevista de Hugh Hefner, o fundador da marca, nessa entrevista ele apareceu de pijamas e chinelo, dando uma entrevista na cama. Essa foi a gênese para Preciado decidir ler décadas da revista Playboy e fazer uma “genealogia” de sua história, além de uma análise cultural. Nessa pesquisa por material, lhe chamou atenção como uma revista erótica falava tanto sobre projetos arquitetônicos, imagens de decoração de interiores, objetos de design etc. Em uma obsessão pela criação de uma domesticidade masculina; como veremos ao longo do livro. Logo, fala o autor que não era uma revista só de mulheres peladas, mas a criação de um *modo de vida*, playboy, encarnados numa série de *espaços utópicos*, do espaço da cobertura de solteiro ideal até as Mansões Playboy. Em termos químicos, essa época “batia” com a invenção da pílula anticoncepcional, o que também proporcionava uma nova possibilidade de se separar reprodução e sexualidade (hétero).

Como ativista *queer* e transgênero, Preciado explica que, até então, a Playboy não fazia parte de sua biblioteca pessoal. E isso é interessante, pois, nos parece, que no Brasil nós também nunca tivemos essa proximidade com Hefner que os americanos podem ter tido; até onde saibamos nunca teve no Brasil um clube da Playboy, como ele descreve que dominou o cenário americano em certas décadas. E, em termos de anamnese, nós só compramos nossa 1ª Playboy em 2009, Fernanda Young como capa, Hafner nesse momento já estava com mais de 80 anos.

Preciado (2025, p. 11) fala de tal pesquisa como um laboratório discursivo para analisar a produção da masculinidade heterossexual hegemônica dentro do capitalismo, tendo em vista as mudanças do pós-guerra, em uma passagem de um regime disciplinar para o que ele chamou de regime *farmacopornográfico*, caracterizado pela produção de novas técnicas químicas, protéticas, midiáticas etc. para o controle de gênero e da reprodução. Enfim, gênero, desejo sexual e a subjetividade como mercadorias multimídias.

O capítulo 1, *Arquitetura playboy*, fala desse tema que é bastante caro para o livro todo, vendo a Playboy não só como uma revista erótica, mas a Playboy como parte do imaginário arquitetônico da 2ª metade do século XX, até pelo “arquipélago” de boates e hotéis urbanos espalhados pela Europa e Estados Unidos (Preciado, 2025, p. 17). O que constituiu uma pornotopia, e citando Reyner Banham, fala que a Playboy fez mais pela arquitetura e design nos Estados Unidos do que a revista *Home and Garden*.

O ponto é que Hefner havia percebido que para moldar uma nova subjetividade masculina, pós-doméstica, também precisava de um novo habitat (Preciado, 2025, p. 19). Em que os anos 50 foram da Playboy e suas inovações, até em uma modernização e uma crítica da moral e dos bons costumes da época. Juntando numa mesma revista as coelhinhos com Andy Warhol, Jack Kerouac, arquitetura, design etc.

O capítulo 2, *Manifesto por um homem caseiro*, fala dessa retomada do espaço doméstico pelo homem, em que a sofisticação e a domesticidade se tornaram uma opção; mas, claro, como o público era o homem branco, solteiro, heterossexual etc., existia todo um cuidado para isso não parecer coisa de homossexual. Logo, as garotas nuas garantiam que isso não era um manifesto feminista ou “veado”. Feminismo e playboy como duas das contranarrativas heterossexuais mais importantes do pós-guerra, contudo, claro, seguindo rumos bem diferentes.

O capítulo 3, *Revelando a domesticidade*, fala, por exemplo, da criação da personagem da *girl next door*, um complemento feminino ao homem solteiro, urbano etc. que estava sendo criado. Assim, há essa dicotomia, em que de um lado aparece a mãe, esposa, dona de casa, e do outro a *playmate*, a secretária do escritório, a moça na loja de gravatas etc. Tal parceira não deveria ser também uma prostituta, uma mulher astuta, mas uma figura que representasse uma ausência de ameaça.

Havia um processo de tornar público esta vida privada, era como olhar por um buraco de fechadura, para a vizinha tomando banho e coisas desse gênero, em uma ficção visual.

É interessante como, também, nesse capítulo se fala da gênese da boneca Barbie, e como a casa dos sonhos da Barbie em Malibu também não é um lar familiar, é uma mulher solteira, que é uma cliente dos sonhos, pois não tem marido para refrear suas fantasias ou seu *glamour*, assim também é um elemento que pode ser visto como de transformação do período.

O capítulo 4, *Striptease*, fala mais da exposição do corpo feminino na cena pública, e isso foi visto, para alguns, como um perigo equivalente ao da radiação atômica; uma história bem típica do conservadorismo norte-americano falando da desintegração moral da sociedade (Preciado, 2025, p. 84).

O capítulo 5, *O boudoir eletrônico masculino*, fala do apartamento pós-doméstico como um enclave técnico e mutável. O sofá dobrável se tornava cama, a pessoa vestida se torna nua, a mulher em coelhinho. Esse aparato eletrônico torna o próprio homem como capaz de dominar a cozinha, assim impedir que a mulher assuma o “enclave feminino clássico”. Em outros termos, o enclave doméstico como feito para receber a mulher e facilmente mandá-la embora. A arquitetura moderna de vidro e concreto não só como uma exposição pública do privado, mas também como um novo formato de tecnologia e mesmo uma “cozinha sem cozinha”, que, de algum modo, queria dizer “cozinha sem esposa na cozinha”.

O capítulo 6, *A Mansão Playboy*, se foca em um dos grandes símbolos da Playboy, tal mansão. Não nos cabe falar todos os detalhes, mas tal mansão representava o enclave multimídia, eternamente filmado, que, ao seu modo, era a vanguarda para programas como o Big Brother; ver o que é dito em Preciado (2025, p. 140).

Como em certa literatura libertina, os espaços eram perfeitamente pensados (Marquês de Sade é citado mais de uma vez no livro), e os convidados não possuíam acesso ao espaço total; sendo a mansão descrita, por Preciado (2025, p. 135), como o primeiro parque temático erótico, não sendo sem razão que, mais para o fim do livro, o autor vai fazer uma comparação com o parque da Disney, em uma versão para adultos, e mesmo com a morada do Michael Jackson. Valendo falar, também, que sem coelhinhos altamente treinadas e controladas, nada disso faria sentido. Preciado (2025, p. 153) chama esse de o primeiro bordel multimídia da história.

O capítulo 7, *A invenção da cama farmacopornográfica*, é um capítulo que fala de outro grande símbolo da Playboy, no caso, a cama circular, giratória e multimídia. Valendo lembrar como o criador da Playboy era um novo modelo empresarial, em que ele trabalhava direto do chão ou de sua cama, enquanto fumava seu cachimbo; era uma espécie de passagem da

verticalidade para um trabalho horizontalizado, em uma cama que “nunca dorme” e nem se sabe se lá fora é dia ou noite. A cama giratória, diz Preciado (2025, p. 196), funcionava como prótese multimídia farmacopornográfica.

Outro elemento muito interessante do capítulo é a discussão química, a cama que “nunca dorme” só funcionava por remédios, porque Hefner usava Dexedrina, uma anfetamina sintetizada, que é um estimulante (Preciado, 2025, p. 179). Preciado faz uma história do uso de certas drogas nesses anos 50 americano. A Dexedrina, assim como outras drogas parecidas, era legal no mundo suburbano dos anos 50, e ajudava a dona de casa, que sofria de um estilo sedentário, monótono, depressivo. Ao seu modo, o livro *The nervous housewife* pode ser visto como um manifesto feminista inicial, anterior a Betty Friedan, pois fala como esse lar doméstico era danoso psicologicamente, sendo sensorialmente pobre, a mulher isolada caía no tédio, na inquietação e na infelicidade. Logo, as drogas surgem como a solução química, capaz de induzir uma liberação da mulher.

Hefner consumia *dexys* de forma incessante, em que se fala que ele ficava três ou quatro dias sem comer, mal piscando os olhos, acordado e trabalhando de modo frenético (Preciado, 2025, p. 187).

O capítulo 8, *Produtos espaciais Playboy*, se foca mormente nos clubes Playboy e seu enorme sucesso. Mesmo que o clube fosse de uma lógica de que “só pode olhar, não tocar”, na maioria dos casos. Sendo um pouco patético esse homem que para viver a experiência playboy precisava pagar e estar num clube. Outro destaque do capítulo é a discussão do avião Big Bunny, e de como desse avião Hefner poderia cruzar o mundo todo, mas sempre, ou quase sempre, estando dentro de seu “casulo” da heterotopia Playboy.

Há uma discussão, igualmente, sobre a Mansão Playboy da Costa Oeste, e como ela foi bem diferente do quarto sem luz e da cama giratória, com muita área verde e uma quantidade excessiva de animais. O que aliás trouxe problemas, como a história das dezenas de macacos que fugiram da propriedade e foram causar danos na casa de um vizinho, que estava se casando e tinha arrumado um bufê com frutas.

Uma outra discussão que vale menção nesse capítulo é quando Preciado aborda, usando um relevante aporte teórico, se podemos considerar tudo isso, da Playboy, como *kitsch*, e sua conclusão é que talvez esse não seja o melhor conceito.

Uma última discussão do capítulo é a “quedra”, se assim podemos falar, da pornotopia Playboy, em que nos anos 80, já com uma série de mudanças na sociedade, se iniciou um recuo da marca, em que a maioria de seus clubes fecharam, canais privados pornô agora competiam espaço etc.

O livro passa então para a conclusão, chamada *O pós-vida de uma pornotopia*, que continua falando dessa nova fase da Playboy, de decadência, mas dando enfoque na importância de Hefner para o século XX, como fonte histórica, e de como certas figuras se alteraram no cenário pornográfico, mas ainda há esse elemento heterossexual, de mulheres submissas etc. Dizendo Preciado (2025, p. 268) que a jacuzzi do cantor de *hip-hop* rodeado por corpos femininos semi-nus, fazendo *lap dance*, é uma mutação dos anos 90 da pornotopia Playboy.

O livro termina com um pós-escrito, chamado *Entrando nos arquivos da Playboy*, que fala da dificuldade de acesso em relação aos documentos da Playboy, pelo menos alguns, sendo uma marca ciosa até de usarem o termo pornografia para se referir aos seus produtos. Por isso, talvez certas partes que Preciado parece pouco crítico, em relação a biografia de Hefner, possa ser até certo receio de receber um processo da marca.

Considerações finais sobre o livro, Preciado nessa obra mostra talento de fazer comparações inusitadas e possui domínio de seu aporte, para fazer cruzamentos históricos e teóricos relevantes. Mas, em certas partes, como acabamos de falar, o livro parecia que

poderia ser mais crítico a marca Playboy e sua história. Como Foucault, em certos textos de sua fase final, nos anos 80, esse livro possui partes mais “arrastadas” e com algumas repetições, talvez, desnecessárias de ideias. Por isso, o maior acerto do livro, sua paralaxe teórico e epistemológica de tentar olhar para a arquitetura Playboy (em vez das garotas peladas), também, em certos momentos, é um ponto fraco. Não duvidamos do talento de Preciado, mas, definitivamente, este não é seu melhor livro.

Referências

PRECIADO, Paul B. *Pornotopia: um ensaio sobre a arquitetura e a biopolítica da Playboy*. Rio de Janeiro: Zahar, 2025.